



Ocupação Contestado: criando sementes de Poder Popular!

por CABN (Coletivo Anarquista Bandeira Negra)

“Não se trata de colocar o nome de poder popular às velhas e conhecidas formas de ação política e de representação que excluem o povo de toda instância de decisão fundamental.

Portanto, não se trata simplesmente de tomar das classes dominantes o atual poder político centralizado, e sim de difundi-lo, descentralizá-lo nos organismos populares, de transformá-lo em outra coisa.

De transformá-lo em uma nova estrutura político-social.”

Federação Anarquista Gaúcha (FAG)

São José/SC está vivenciando um momento muito importante no que diz respeito à organização popular e luta por moradia na Grande Florianópolis. Desde o dia 07 de Novembro de 2012, famílias que foram realocadas da noite para o dia no Ginásio do bairro Jardim Zanellato decidiram ocupar de forma organizada um terreno, abandonado há mais de 30 anos. Terreno público e de usucapião que jamais cumpriu a sua função social. A ocupação está dando impulso para a criação de um movimento que se põe em marcha na luta por moradia e que tem o potencial de se expandir e tomar corpo em toda região metropolitana.

No entanto, o trabalho não é pouco para as famílias. No processo de organização, passaram a discutir seus problemas, trabalhando coletivamente e discutindo politicamente o processo de ocupação e de direito à moradia. Passaram a conhecer e enfrentar todas as dificuldades que uma ocupação tem pela frente, principalmente no que diz respeito à articulação com diferentes organizações políticas, com o assédio de políticos profissionais e postulantes, a pressão da especulação imobiliária e o desafio de superar o preconceito da vizinhança, assim como as barreiras que lhes são impostas histórica e socialmente. Esses trabalhadores/as lutam pela construção de um espaço comunitário, autogerido, que se torne um marco da luta por moradia na Grande Florianópolis.

Estas famílias têm mostrado coragem e capacidade de organização na luta por moradia e vida digna. Com os seus braços têm construído a ocupação, levantado suas casas e se esforçado para construir os espaços coletivos, como banheiros, cozinha, barracão comunitário, horta, iluminação, etc. Além disso, as famílias seguem avançando no processo de construção coletiva, construindo a solidariedade e o apoio mútuo, estão desenvolvendo a sua autonomia, discutindo coletivamente as formas de organizar-se e gerir o espaço por eles conquistado com luta.



RESISTIR

Ilustração de Victor Bello

A Ocupação Contestado tornou-se um espaço de esperança e de resistência, que acende o sonho por moradia do povo empobrecido e oprimido da Grande Florianópolis, que muitas vezes precisa escolher entre comprar os alimentos e remédios para suas famílias ou pagar o aluguel. A Ocupação Contestado é por si só um espaço de resistência contra a especulação imobiliária, uma pedra no sapato do Estado, revelando a insuficiência das políticas de moradia, sejam elas municipais, estaduais ou federais, e uma grande chama de esperança que ameaça espalhar-se e contagiar esse povo tão sofrido que aceita resignado o seu destino.

O Coletivo Anarquista Bandeira Negra vem atuando desde o princípio dessa ocupação no sentido de ajudar a criar os espaços para a defesa da autonomia popular, a horizontalidade nas decisões e, principalmente, no fortalecimento da força social, para que se construa ali de fato o Poder Popular. No entanto, percebemos que, para atuar de forma ainda mais ampla, enquanto campo político e social, era necessário agrupar indivíduos com afinidades de método de trabalho, organizados em torno de princípios básicos e principalmente pela vontade de lutar, por objetivos comuns com outros valores e práticas coletivas, diferentes da lógica da hierarquia autoritária e do vanguardismo dirigente. Desta forma a Resistência Popular-SC, dentro dessa frente de ocupação, tem como projeto apoiar a política horizontal das assembleias, a formação de núcleos pela base, a revogabilidade e rotatividade de funções, comissões de trabalho na prática de hortas, cozinhas coletivas, cooperativas, educação e formação. Assim, fortalecemos a luta por direitos básicos daquela comunidade e buscamos a ampliação do movimento de luta pela moradia na região.

O Poder Popular somente é legítimo quando os meios usados são coerentes com os fins aos quais se escolheu atingir. Acreditamos que os ganhos sociais da organização popular se devem, antes de qualquer coisa, à vontade coletiva e ao acúmulo promovido pela prática da luta. Quanto mais direcionamos nossas forças para trazer nossas conquistas, mais enraizado será o trabalho social desenvolvido. A organização popular imprime o caráter de superar os vícios do comodismo e do individualismo, do oportunismo e da verticalidade. Desta forma, criar os espaços ideais para multiplicar a força social, no sentido de horizontalizar as demandas, autogestionar as ações coletivas, através de assembleias que concretamente decidam sobre seus rumos, é estimular a via do socialismo libertário. Ação direta que conquiste o direito de moradia, combate classista que une setores dos mais explorados, luta anticapitalista e contra a

propriedade, desafios em que a atividade pela incessante busca pela transformação social deve sempre ser pautada.

Hoje o combate segue por dois caminhos: um, por aqueles que se organizam autonomamente, mas que pensam que no meio parlamentar ainda há possibilidades de mudança; o outro, pelos que acreditam na organização popular feita de baixo para cima, pela base. No fluxo das lutas, mesmo entre essas duas vertentes, é importante que sinalizemos o processo permanente entre o povo organizado, uma transformação real que seja impressa na sociedade. Garantido isso, todo este sistema de valores criados na consciência do sujeito em construção tende a sedimentar o elemento crítico presente na luta.

A desigualdade social está posta, existe, é concreta, determinada pelo caráter excludente do desenvolvimento do sistema capitalista. Tanto a exploração quanto a opressão são também determinantes neste processo de rompimento da possibilidade do sujeito garantir a condição de sua própria emancipação. Em tamanho da crise da democracia representativa a nível global, mobilizações em torno das discussões são realizadas em contraposição às “fórmulas teóricas imbatíveis”. Compreendido que não há respostas felizes no poder exercido pelos profissionais da política, é com solidez que se afirma que a esfera estatal, em todas as suas inúmeras estratificações, é incapaz de sustentar a manutenção de sua existência quando abre-se uma fenda corrosiva em suas bases decadentes.

O desafio é grande, mas não é novo. A capacidade da força social gerada pela consciência e entendimento pela necessidade material, com a vontade de agir, estabelece as condições reais de enfrentamento para o desafio da ruptura. O caminho para a construção do Poder Popular, da organização dos de baixo, explorados e oprimidos, revela um caminho em uma única direção. Diferentemente da concepção da tomada do poder pelo centro ou da ação de grupos autoprotelamados portadores da ciência da transformação, o caminho para esta ruptura, inevitavelmente, passa pela vontade política de luta e pela participação organizada dos setores populares.

Pela conquista de melhores condições e pela construção do Poder Popular, que intenciona a forma de como organizar-se, essas parcelas mais marginalizadas e expurgadas da população, ao adquirirem coesão social, através da resistência e da estratégia de ação prática, tendem a, cada vez mais, fazer o enfrentamento direto com o Estado e o Capital, rompendo amarras da democracia representativa. Eis o desafio a ser enfrentado.



Um pouco de nossa concepção de Anarquismo

por CAB (Coordenação Anarquista Brasileira)

[...] Primeiramente, nós da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB) fazemos parte de uma tradição político-organizativa chamada de Especificismo. Especificismo porque fazemos a defesa enquanto Anarquistas da necessidade de nos organizarmos politicamente enquanto tais. Essa necessidade se expressa por meio de uma Organização Política Anarquista, Federalista e de Quadros, com critérios de ingresso, formação militante, dotada de um Programa Mínimo, Estratégia de Curto e Longo Prazo e Objetivo Finalista. Não somos, portanto, uma seita. Somos sim, no interior da história do Socialismo, um Partido, tal como dizia o italiano Errico Malatesta: *“Nós, os socialistas-anarquistas, existimos como partido separado, como programa substancialmente constante, desde 1867, quando Bakunin fundou a Aliança; e fomos nós os fundadores e a alma do rumo antiautoritário da Associação Internacional dos Trabalhadores.”* O Especificismo tem sua expressão “inicial” na América Latina com a FAU (Federação Anarquista Uruguaia), fundada em 1956 e que reuniu em sua formação velhos militantes anarco-sindicalistas que se organizavam na FORU (Federación Obrera Regional Uruguaia); velhos combatentes da Revolução Espanhola; jovens militantes sindicais e estudantis do país e alguns remanescentes que conviveram com o grupo de anarquistas expropriadores que realizaram diversas ações na região do Rio da Prata. A FAU era defensora da organização específica do Anarquismo, por meio de uma Estrutura Organizacional que vinculasse organicamente seus militantes sob uma Declaração de Princípios e Elementos de Estratégia, e que pudesse desenvolver em seu interior tarefas correspondentes a análises de conjuntura, capacitação político-militar (projetando aí o desenvolvimento de um aparato armado que se concretizou e foi chamado de OPR-33 – Organización Popular Revolucionária 33 Orientales) e, é claro, inserção social no movimento de massas. A FAU ao longo de sua existência (se mantém atuante ainda hoje) cumpriu importante papel na construção da CNT (Convención Nacional de Trabajadores), participando através de sindicatos de base ou da própria direção da entidade; na construção da ROE (Resistência Obrero Estudiantil), agrupação de Tendência que reuniu boa parte da militância de base classista e combativa (anarquistas, marxistas, leninistas, etc.) que se opunham à direção do PCU que era majoritário no movimento popular; e desenvolveu, num primeiro momento junto ao MLN-T (através da Coordenadora) e depois por um trabalho próprio, ações de expropriação de bancos, seqüestros de patrões e figuras ligadas à ditadura e apoios às mobilizações populares. Nós da CAB compartilhamos dessa tradição porque foi através dela que no início dos anos 90, quando do debate de reorganização do anarquismo, se iniciou a construção de Organizações Específicas Anarquistas que até hoje trabalham para seu crescimento e maior inserção. Portanto, não somos Anarco-Sindicalistas ou Anarco-Estudantis, porque não fazemos a

defesa de sindicatos ou entidades estudantis anarquistas, mas sim da necessidade de nos organizarmos politicamente para intervirmos no Movimento Sindical e Estudantil. Dessa forma, não somos contrários à existência de entidades “representativas”, sejam elas locais, estaduais ou nacionais, assim como não somos, por princípios, contrários à disputa das direções. No entanto, não temos como cálculo político apenas a suposta exigibilidade da luta de classes da disputa das direções dos Movimentos para que eles sejam de fato revolucionários, porque não apostamos nossas fichas de que a direção (o sentido) de um determinado movimento social seja resultado direto do grupo político que o dirige. Não negamos a influência que este grupo possa exercer, mas não fazemos dela a condição para o sucesso das lutas. Se somos partidários de uma proposta combativa, achamos sim necessário uma Organização Política preparada para intervir e dar conta de certas tarefas que os Movimentos Populares não poderiam dar conta, não achamos, porém, que esta Organização seja uma Vanguarda ou Direção Revolucionária porque mais capacitada para sintetizar os desejos da classe num socialismo pretensamente “científico”. Por isso, em nossa percepção, a disputa de entidades está condicionada a capacidade que possuímos de intervenção e de fomento da organização das Classes Oprimidas, papel que estas entidades devem cumprir, assim como a própria análise do cenário vivido em cada Frente Social. Caso contrário, a ocupação de uma entidade torna-se apenas um rito burocrático que não dá protagonismo à nossa classe e tampouco acumula força social para um projeto radical.

Dessa forma, não somos espontaneístas, achando que a organização popular virá por ela mesma. Ao contrário do que alguns dizem, seguimos contribuindo com o fortalecimento dessa organização, com esforços modestos mas firmes, no movimento popular, sindical, estudantil e rural em diversos estados deste país. Apostamos na necessidade de uma Organização Política trabalhar consciente e intencionalmente no desenvolvimento da participação e organização popular, seja ela sindical, estudantil, comunitária etc., mas sempre considerando que o decisivo para as lutas, para o acúmulo necessário a um sentido revolucionário que realmente coloque em xeque o sistema de dominação capitalista — e o Estado enquanto peça fundamental desse sistema de dominação — é a Força Social expressa na Organização das Classes Oprimidas através de seus próprios instrumentos de organização, de defesa e de ataque dos nossos inimigos de classe. Nossa concepção, historicamente tem se confrontado com a ideologia do Socialismo Estatista, justamente por acreditar que a destruição do Estado depende do avanço da organização das classes oprimidas e da forja de um sujeito revolucionário que aponte nesse sentido.

[...]

Nota completa: <http://www.cabn.libertar.org/?p=801>

O QUERELA

Livraria 36

Os livros são poderosos ao ponto de abolir o Estado, a sociedade de classes ou o machismo? Não, é claro. Mas criam a possibilidade de você, leitor ou leitora, perceber que não está sozinho(a) na cidade do capital. A leitura é possibilidade de conhecer histórias e pessoas que estão se organizando em movimentos sociais e políticos, mesmo que a “grande mídia” local diga o contrário, ou que políticos sacanas digam o contrário.

A Livraria 36, sediada em Joinville/SC, é o trabalho de divulgação e propaganda da literatura anarquista envolvendo poesia, teatro, história, sociologia, ecologia, teoria política entre outros temas relacionados à construção de uma nova sociedade.

Mais informações em : www.facebook.com/Livraria36



Soneto do livreiro libertário

Por conta dos trabalhos realizados com a Livraria 36 fomos surpreendidos com o **Soneto do livreiro libertário**, do escritor e editor Nils Skare, enviado com um pedido de livro da L-Dopa Publicações. Em 2008, Nils Skare lançou o livro “A antibruma”.

*Após reunir todas suas obras,
Com cuidados as leva ao ponto de venda.
Não se fazem filas sinuosas tais cobras
Mas sempre há a quem a chama acenda.*

*Dispõe os anarquistas em fileiras,
Dedos folheiam títulos ousados.
Os carpinteiros erguem as cumeeiras,
Os livreiros põem sonhos elevados.*

*Na fábrica uma pergunta aflora,
Na praça uma nova ideia brota,
Querem deitar um preconceito fora.*

*O desaparecido então se nota ?
Indicar um livro é urgente agora
É ter a bússola e traçar a rota.*

Milonga del Pocho

Reproduzimos aqui parte da Milonga que homenageia Alberto “Pocho” Mechoso, um dos fundadores da Federação Anarquista Uruguiaia (FAU), sindicalista da Federação dos Trabalhadores da Carne e militante da Organização Popular Revolucionária - 33 Orientais (OPR-33), braço armado da FAU que apoiou greves e realizou sequestros e expropriações dos patrões para financiar a luta contra a ditadura. A milonga pertence ao gênero musical e literário da cultura rioplatense, que reconstrói o pensamento crítico e as impressões que vêm do campo e da cidade.

*Hombre de buena plaza
a ti te entono esta milonga
cuando la guitarra cuñada
floreava un brindé a tu raza*

*Fuistes Pocho y Camino
referencia en la doma insubordinado
entre pueblo y rebeldía
Escaramuza libertad y valentía*

*Tu nombre clarea a lo largo
revelando retrato amargo
que peleastes en vida
Dice el viejo Ansina:*

*“Sigue, de noche y de día,
las huellas criminales
buscando con porfía
a hombres y animales”*

*Y se viene de aquel pago de Flores
A pocos tenía rancores
Sufria con el Gaucho Molina
la misma sintonia, la lida*

*Pues a nadie debía nada!
“Así que a la noche, venga!”
El libertário entrañado en el alma
Ah compadre toma un trago y se adueña*

*Gran pibe muchacho callejero
Revolucionario*

*Contento con los de abajo
Rebelde con los de arriba*

*los de afuera son de palo
Ni te duele o lastima*

[...]